

As praças ajardinadas na Ilhéus do cacau entre 1890 e 1940

SESSÃO TEMÁTICA ET4: DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO,
DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

Melissa Bastos Goes
Universidade Federal da Bahia
E-mail: melissabastosgoes@gmail.com

Aline de Figueirôa Silva
Universidade Federal da Bahia
E-mail: aline.figueiroa@ufba.br

RESUMO

Este artigo analisa as praças ajardinadas na cidade de Ilhéus entre as décadas de 1890 e 1940, buscando entender os processos de desenvolvimento e transformação que ocorreram na região central da cidade, no período da economia cacauzeira no Sul da Bahia. O trabalho centra-se, especialmente, nas seguintes praças: Praça Castro Alves, Praça Ruy Barbosa, Praça Coronel Pessôa, Praça JJ Seabra, Praça Luiz Vianna e Praça Barão do Rio Branco. O texto baseia-se na análise de fontes documentais, com ênfase em jornais e fotografias antigas, relatos orais e fontes bibliográficas sobre a história de Ilhéus e sobre a história do paisagismo no Brasil. Evidenciam-se as características do acervo paisagístico examinado, entendido em seu contexto cultural, social, econômico e político – que compreende a *Belle Époque* ilheense – como expressão dos desejos e contradições de uma elite em ascensão.

PALAVRAS-CHAVE: História do paisagismo. Praça. Jardim. Séculos XIX e XX. Sul da Bahia.

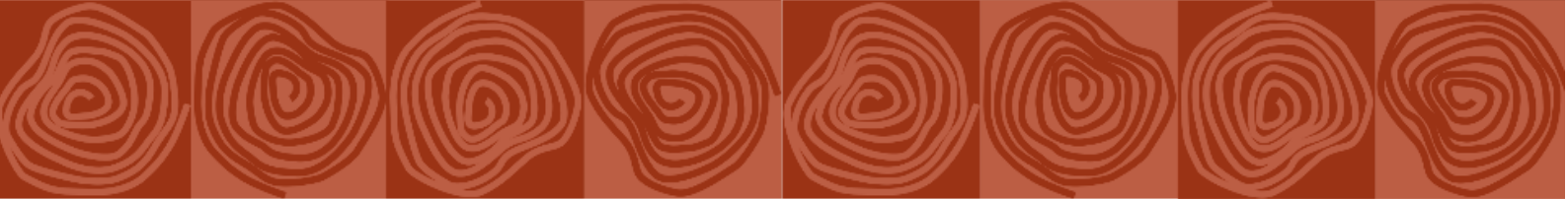
ABSTRACT

This article analyzes the garden squares laid out in the city of Ilhéus between the 1890s and the 1940s, seeking to understand the processes of development and transformation that occurred in the city's central area in the period of the cocoa economy in Southern Bahia. The text especially focuses on the Praça Castro Alves, the Praça Ruy Barbosa, the Praça Coronel Pessôa, the Praça JJ Seabra, the Praça Luiz Vianna and the Praça Barão do Rio Branco. It is based on the study of documentary sources, among which are newspapers and photographs, oral stories and bibliographical sources on the history of Ilhéus and on the history of landscaping in Brazil. The conclusions highlight the characteristics of the analyzed squares, understood within its cultural, social, economic and political contexts – which corresponds to Ilhéus' *Belle Époque* – as an expression of the desires and the contradictions of a growing elite.

KEYWORDS: History of landscaping. Square. Garden. 19th and 20th centuries. Southern Bahia.

1 INTRODUÇÃO

A produção arquitetônica e paisagística da cidade de Ilhéus, no Sul da Bahia, apresenta, do fim do século XIX até meados do século XX, sua maior expressividade. A atividade cacauzeira estava em seu momento de maior valorização econômica, propiciando uma excitação cultural na região, além de fomentar ações de remodelação e construção de espaços públicos, edificações e organização e implantação de vias urbanas e novas modalidades de transportes. A elite do cacau tomou a paisagem da cidade como o



símbolo de sua legitimação de poder político e econômico, expressando, através do espaço urbano, as narrativas de um contexto moderno e progressista.

A cidade de Ilhéus, cuja popularidade foi difundida pelo ciclo do cacau e pela literatura de Jorge Amado, possuiu grande relevância no contexto das transações comerciais do Sul da Bahia. Primeiro como grande produtor de cana de açúcar no século XVI (DIAS, 2007), depois através do sistema de abastecimento da Coroa e do Recôncavo da Bahia a partir da segunda metade do século XVII (OLIVEIRA, 2021), cujas intervenções obrigaram as vilas menores a se submeter às companhias de comércio para fortalecimento dos núcleos urbanos principais (OLIVEIRA, 2021). A partir do século XIX (RIBEIRO, 2005), a introdução do cultivo das lavouras de cacau possibilitou um salto econômico e acúmulo de capital necessários para as transformações que aconteceriam no tecido urbano, tendo na produção paisagística um dos principais focos da propagação e difusão de um ideário de sociedade: a elite do cacau.

Assim, o conjunto das praças localizadas na região central de Ilhéus deve ser enxergado como o resultado de uma produção econômica, política e social, ainda que represente o poder de uma minoria correspondente à elite cacaueira: políticos, religiosos, empresários e aqueles que atuavam para a manutenção da vida cotidiana desse núcleo, hoje correspondente ao centro histórico da cidade.

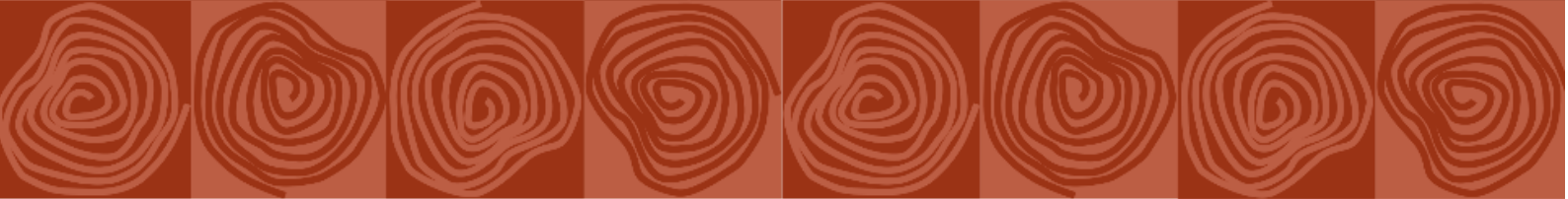
As influências sanitaristas, as reformas urbanas e paisagísticas e as novidades estilísticas no campo da arquitetura e da decoração, decorrentes dos processos pós-industriais do século XIX, representavam um objetivo de um novo mundo a ser seguido pela então recém-estabelecida sociedade cacaueira. Para a elite da época, era necessário conduzir um plano de cidade ideal, cujo simbolismo ultrapassaria a leitura colonial e rural da antiga Ilhéus, a fim de alcançar o progresso, visto em tantas outras cidades do Brasil e do mundo. A transformação da paisagem urbana estaria diretamente ligada à necessidade de legitimação de poder desta sociedade minoritária, que tinha como foco a construção de um discurso político e econômico.

Nesse contexto, as décadas de 1890 a 1940¹ estão repletas de ressignificações e renovações do espaço da cidade. Este arco temporal comunica, portanto, a importância do cenário de renovações pelas quais Ilhéus passava, incluindo um conjunto de praças então criadas e ajardinadas. Das seis praças ajardinadas à época, cinco se mantêm no traçado urbano atual da cidade. Dessa forma, entender os aspectos de tal produção paisagística, sua relação com a sociedade da época e como ela se transformou em um instrumento de legitimação de poder são motivações do resgate histórico aqui realizado.

Nesse sentido, o presente texto busca apresentar e evidenciar significados históricos, culturais e paisagísticos das praças ajardinadas de Ilhéus entre as décadas de 1890 e 1940, considerando seus elementos como mobiliário, traçado e vegetação e o contexto da economia cacaueira no Sul da Bahia². Foram mobilizados registros de jornais, álbuns e fotografias antigas, relatos orais e fontes bibliográficas e historiográficas. A documentação levantada sinaliza que tais praças constituíam alguns dos espaços públicos mais relevantes na vida cotidiana da sociedade ilheense. Porém, ao longo do

1 Embora a inauguração e/ou o ajardinamento das praças tenham ocorrido majoritariamente na década de 1920, o recorte temporal adotado estende-se até a década de 1940, período no qual se observa uma maior disponibilidade de material iconográfico referente a esses espaços. Soma-se a isso a ampliação do número de registros documentais e relatos sobre as praças, bem como a constatação da continuidade das intervenções e remodelações urbanas empreendidas na cidade sob os influxos modernizantes da economia cacaueira.

2 Este texto é fruto da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), intitulada “A Ilhéus do cacau: produção edilícia e paisagística entre as décadas de 1890 e 1940” (Goes, 2025).



tempo, as praças ajardinadas do centro de Ilhéus sofreram diversas perdas e transformações, em que as espécies vegetais e seus equipamentos foram completamente desfigurados ou perdidos, restando registros fotográficos e as manchetes de jornais que descreviam estes espaços e as atividades que nele aconteciam, conforme relatado a seguir.

2 AS PRAÇAS AJARDINADAS E A ELITE CACAUEIRA NA CIDADE DE ILHÉUS

As transformações da arquitetura e da paisagem de Ilhéus entre as décadas de 1890 e 1940 foram norteadas por uma agenda política de ordenamento da cidade, com a finalidade de alcançar padrões modernos e uma imagem de prosperidade pela qual a região passava com a atividade cacaueteira. A noção de modernidade se encontrava no aspecto, no padrão construtivo e no conjunto de edificações e suas praças e jardins, seguindo os ideais de uma arquitetura baseada no consumo. Tais remodelações ocorreram de forma mais evidente na região central da cidade, que constituía o núcleo da vida cotidiana e onde residia a população de maior poder aquisitivo da sociedade ilheense.

Os detentores do poder o utilizavam para garantir viabilidade econômica para sua classe, a valorização dos espaços que usufruíam e, assim, o reconhecimento – e os lucros – por terem estruturado edificações e logradouros públicos, entre os quais as praças então ajardinadas (Figura 1). Os padrões construtivos modernos seriam, então, o meio pelo qual essa sociedade do cacau mostraria aos cidadãos, não somente de Ilhéus, como da Bahia e do Brasil, o quão conectada estava com o mundo pós-industrial. Nesse contexto:

Na virada para o século XX, a urbanização massiva ocorrida nas grandes cidades brasileiras – impulsionada pelas vagas de imigrantes e pelas intervenções urbanísticas ocorridas nas capitais por determinação das novas autoridades republicanas – reforçou a importância dos jardins e dos parques. Movidos por um imaginário europeizante, no mais das vezes afrancesado, os governantes multiplicaram as encomendas. Iniciativas de melhoramento e embelezamento foram facilitadas pela presença de artesãos qualificados em inúmeras especialidades, a maioria deles imigrantes, contratados tanto pelas autoridades públicas quanto pelas elites urbanas possuidoras de palacetes cercados de imponentes jardins privados (MARINS; SCHPUN, 2017, p. 12).

No período que se inicia na década de 1920, Ilhéus concentrava uma maior quantidade de intervenções nos espaços públicos a partir de uma ação mais efetiva da municipalidade. A intendência de Eustáquio de Bastos, iniciada em 1920 e finalizada em 1923, teve forte relação com a intensificação de tais transformações, tendo em vista que o intendente foi conhecido como um grande urbanizador (CORREIO DE ILHÉOS, 26/09/1921).

O repertório artístico e estilístico da época traduzia os aspectos de uma sociedade burguesa, estabelecido a partir de meados do século XIX na Europa (FABRIS, 1987). Na arquitetura, o ecletismo estava presente não somente nos materiais em ferro fundido, no estuque e no cimento armado utilizados nos palacetes, nos sobrados, nos bares, teatros, sonecas e cafés, mas também nos elementos ornamentais utilizados nas construções, que passavam a ser fruto de escolha diante do grande leque disposto pelo vocabulário estilístico.

Figura 1: Tabela das edificações e praças criadas ou reformadas entre as décadas de 1890 e 1940, por ano ou década de criação ou inauguração, em ordem cronológica

Edificações emblemáticas e Praças ajardinadas	Ano ou Década
Palácio Paranaguá	1898 (início da obra) 1907 (inauguração)
Bar Vestúvio	1910 (inauguração)
Praça Ruy Barbosa	1912 (realizado o desenho da praça)
Praça JJ Seabra	1913 (inauguração da praça) 1921 (inauguração do jardim)
Grupo Escolar General Osório	1915 (inauguração)
Instituto Nossa Senhora da Piedade	1918 (inauguração parcial) 1929 (inauguração capela)
Praça Coronel Pessoa	1920 - 1925 (inauguração da praça e do jardim)
Cabaré Bataclan	1923 (inauguração)
Praça Castro Alves	1925 - 1927 (inauguração da praça e do jardim)
Praça Luiz Vianna	1927 (inauguração da praça e do jardim)
Ilhéos Hotel	1928 (início da obra) 1930 (inauguração)
Cine Teatro Ilhéos	1930 (início da obra) 1932 (inauguração)
Catedral de São Sebastião	1931 (início da obra) 1967 (inauguração)
Praça Barão de Rio Branco	Sem informação

Fonte: Elaborada por Melissa Bastos Goes, 2025.

No paisagismo o desejo de modernidade local se manifestava não somente através da linguagem formal adotada na concepção dos jardins, mas também pelos modos e costumes da sociedade que ansiava por novos programas arquitetônicos a fim de suprir suas necessidades, principalmente aquelas voltadas para o divertimento e lazer.

Marins e Schpun (2017, p. 12) apontam que nesses espaços “civilizacionais” as práticas de lazer eram realizadas e favorecidas pela presença de equipamentos e soluções arquitetônicas características da *Belle Époque*, como: “[...] coretos para apresentações musicais, pavilhões, pérgulas, espelhos d’água, fontes e chafarizes, monumentos, bustos, esculturas e elementos decorativos variados, [...] e canteiros dos mais diversos tipos”.

Em Ilhéus, esse repertório se traduzia no uso de equipamentos e mobiliário que impulsionavam a sociabilidade, como parque infantil, coretos e fontes, além do cultivo de vegetação, sobretudo plantas exóticas. Nas vias públicas e/ou nas praças ajardinadas, ocorriam atividades como *footing*, *trottoir*, quermesses e leilões (CORREIO DE ILHÉOS, 19/04/1927), que funcionavam como balizadores sociais e garantiam a inserção da elite ilheense nos modelos de civilidade encontrados nas grandes cidades do Brasil e do mundo ocidental (Figura 2).

Figura 2: Notícia sobre o footing na “quinta-feira elegante” na Avenida Alvares Cabral, Ilhéus, nos anos 1920



Fonte: Correio de Ilhéus (19/04/1927).

Entres os espaços centrais, estavam a Praça Castro Alves, a Praça Ruy Barbosa, a Praça Coronel Pessoa, a Praça JJ Seabra, a Praça Luiz Vianna e a Praça Barão do Rio Branco (Figuras 3 e 4). Esses espaços mantinham uma relação de proximidade com as edificações mais relevantes da cidade e, dos seis exemplares, cinco ainda permanecem no cenário contemporâneo, denotando sua importância na lógica de implantação urbana e na distribuição dos lotes, ainda que a grande maioria tenha perdido seu repertório vegetal ou mobiliário antigo. A localização dessas praças ilheenses e das edificações mais importantes da época revelava muito sobre o poder econômico, político e social de sua vizinhança. As praças estabeleciam vínculos diretos com as residências de políticos e coronéis, refletindo o nível de influência dessas figuras na conformação do tecido urbano.

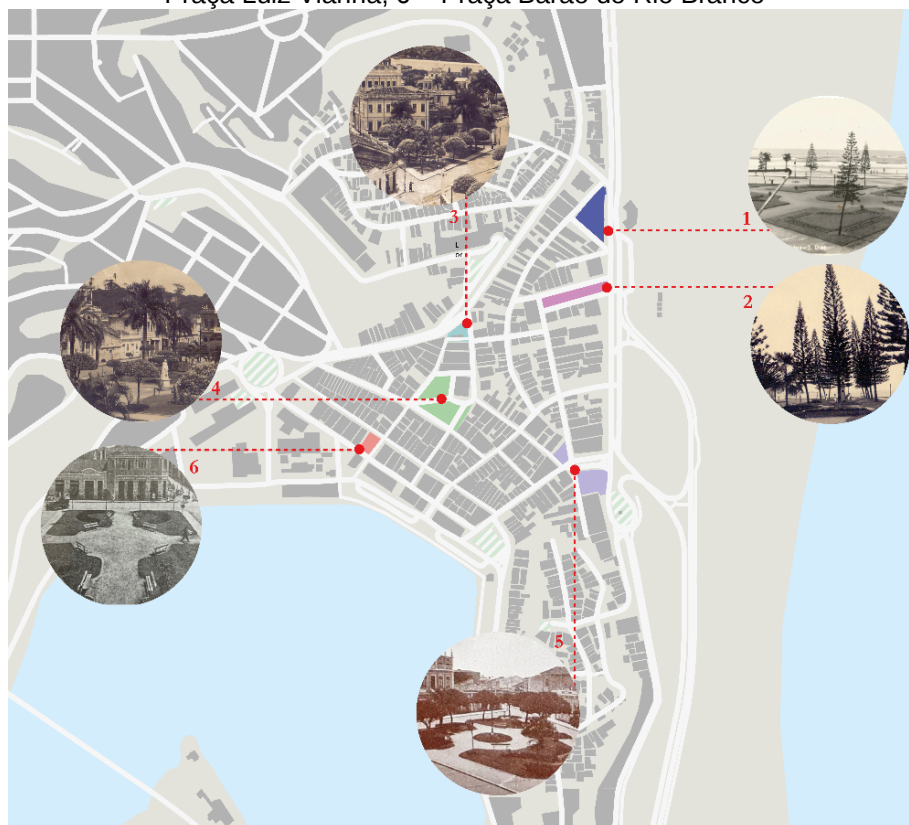
Figura 3: Tabela das praças ajardinadas de Ilhéus, por ano ou década de criação ou inauguração, em ordem cronológica

Praças ajardinadas	Ano ou Década
Praça Castro Alves	1925 - 1927 (inauguração da praça e do jardim)
Praça Ruy Barbosa	1912 (realizado o desenho da praça)
Praça Coronel Pessoa	1920 - 1925 (inauguração da praça e do jardim)
Praça JJ Seabra	1913 (inauguração da praça) 1921 (inauguração do jardim)
Praça Luiz Vianna	1927 (inauguração da praça e do jardim)
Praça Barão de Rio Branco	Sem informação

Fonte: Elaborada por Melissa Bastos Goes, 2025.

Figura 4: Mapa da região central da cidade, com a localização das praças ajardinadas. 1 – Praça Castro Alves; 2 – Praça Ruy Barbosa; 3 – Praça Coronel Pessoa; 4 Praça JJ Seabra; 5 –

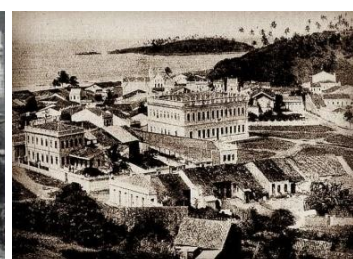
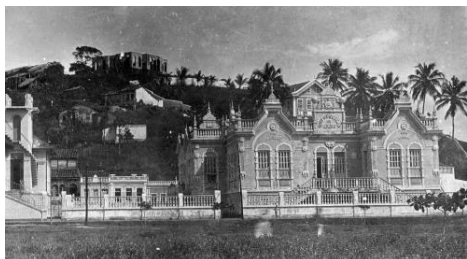
Praça Luiz Vianna; 6 – Praça Barão do Rio Branco



Fonte: Elaborado por Melissa Bastos Goes, 2025.

As praças Castro Alves, Coronel Pessôa e JJ Seabra (Figuras 5 a 7) tiveram origem em espaços livres urbanos, áreas desocupadas circundadas por um conjunto edificado já consolidado ou parcialmente consolidado. Essa constatação leva à hipótese de que sua implantação esteve intimamente ligada à presença prévia de palacetes, sobrados de coronéis e outras edificações emblemáticas, configurando um processo de conformação espacial no qual o espaço público se estruturava em diálogo com a arquitetura de importância social. Acredita-se, portanto, que as praças já estariam previstas no planejamento da cidade, e que as edificações emblemáticas como a Catedral de São Sebastião, o bar Vesúvio, o cabaré Bataclan, o Cine Teatro Ilhéus, o Palácio Paranaguá e o Grupo Escolar General Osório estavam ali localizadas em razão também da presença desses espaços de sociabilidade, ou, da promessa de sua construção.

Figuras 5, 6 e 7: Logradouros onde foram criadas as praças Castro Alves, Coronel Pessôa e JJ Seabra, respectivamente

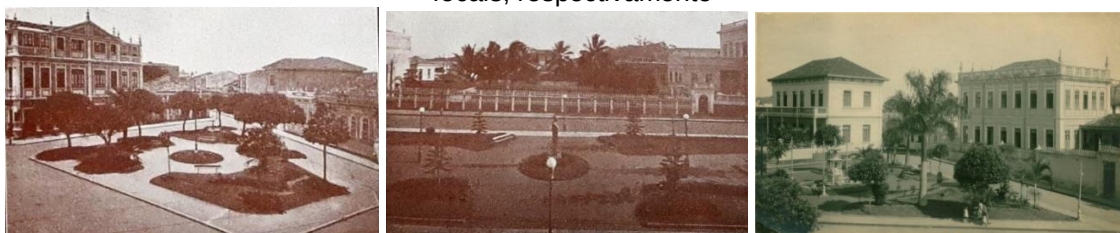


Fonte: Acervo José Nazal. Disponível em: [https:// www.instagram.com/jose_nazal/](https://www.instagram.com/jose_nazal/). Acesso em: 17 jan. 2025; Memória Visual de Ilhéus. Disponível em: https://www.facebook.com/fotosdeilhheus/?locale=pt_BR. Acesso em: 15 out. 2024; Memória

Visual de Ilhéus. Disponível em: https://www.facebook.com/fotosdeilheus/?locale=pt_BR.
Acesso em: 15 out. 2024, respectivamente.

No geral, as praças então ajardinadas foram dotadas de canteiros bem definidos e com dimensões variadas, que, muitas das vezes, acompanhavam os aspectos formais de cada espaço. Ora emulavam os chamados *parterres* de inspiração francesa distribuindo-se segundo padrões de regularidade e simetria, ora se aproximavam do modelo inglês, com formas orgânicas e plantas herbáceas e arbustivas dispostas de modo mais natural. Havia na disposição dos canteiros das praças ilheenses, de forma bem clara, uma certa mistura de possibilidades e organização, como é possível observar nas praças Luiz Vianna, Ruy Barbosa e Coronel Pessôa, onde pontos focais e simetrias eram trabalhadas junto com a organicidade de canteiros e à naturalidade de uso de estratos vegetais (Figuras 8 a 10). Essa configuração reforça a linguagem eclética presente nos novos padrões da arquitetura introduzidos na cidade como parte do projeto modernizador da elite local.

Figuras 8, 9 e 10: Aspecto formal dos canteiros das praças Luiz Vianna, Ruy Barbosa e Coronel Pessôa, com formas ora orgânicas, ora regulares e simétricas, e presença de pontos focais, respectivamente



Fontes: Album artístico commercial e industrial do Estado da Bahia, 1930; Album artístico commercial e industrial do Estado da Bahia, 1930; Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ilheus/historico>. Acesso: 5 jul. 2023, respectivamente.

As fotografias antigas permitem observar que esses canteiros eram constituídos por forrações, espécies herbáceas e arbustivas, além de organizarem os espaços destinados ao plantio de árvores e palmeiras. O estrato arbóreo atuava como elemento de sombreamento e de embelezamento dos espaços. Essas composições vegetais estavam diretamente associadas ao uso de espécies exóticas, entre as quais se destacavam as palmeiras-imperiais, os fícus e os pinheiros. As manchetes de jornais de 1931 revelam ainda a presença de outras espécies, como os oitis na Praça JJ Seabra e as amendoeiras na Praça Ruy Barbosa — posteriormente substituídas por pinheiros — além de indivíduos na Avenida Álvares Cabral (DIÁRIO DA TARDE, 07/04/1931).

Palmeiras-imperiais, fícus, pinheiros e amendoeiras (ou castanholas) estavam, segundo Silva (2016), entre as espécies vegetais mais comumente plantadas nos jardins públicos criados no período de sua difusão entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do XX antes da atuação do paisagista Roberto Burle Marx. Além de presentes na cidade de Salvador, também eram encontradas nos jardins do Recife, Fortaleza e João Pessoa estudados pela autora, que, sobre as espécies arbóreas, chegou a destacar:

Entre as arbóreas, a espécie predominante era o exótico fícus-benjamim ou figueira (*Ficus benjamina*), de rápido crescimento e porte volumoso, atributos importantes para garantir a imediata provisão de sombra. Presentes em quase todos os jardins das três cidades, as figueiras eram uma das árvores mais mencionadas nas fontes documentais e reconhecíveis na iconografia. Plantavam-se também castanholas (*Terminalia catappa*), jambeiros (*Syzygium malaccense*), mangueiras (*Mangifera indica*) e mungubeiras ou mongubeiras

(*Pachira aquatica*), espécies umbrosas e, portanto, apropriadas aos climas ou estações quentes. Documentamos, ainda, o plantio de baobás (*Adansonia digitata*), eucaliptos (*Eucalyptus* sp.), flamboyants (*Delonix regia*) e pinheiros (*Araucaria* sp.), mais valorizados pelos efeitos decorativos de suas copas, troncos, altura ou florações do que por seu sombreamento (SILVA, 2016, p. 164-165).

No que se refere aos equipamentos presentes nas praças de Ilhéus foram observados elementos em ferro fundido como postes de iluminação, cinzeiros, bancos, bustos e chafariz. Esses elementos, à exceção do chafariz, estavam presentes em praticamente todas as praças da região central de Ilhéus. No geral, os postes de iluminação continham dois pontos de luz com difusores redondos, estruturas em ferro com ornatos em volutas e frisos com volumes em todo o seu corpo. Os bancos possuíam estrutura em ferro fundido, que também acompanhavam desenhos e volumes ornamentais, e assentos e encostos em réguas de madeira. Os bustos eram constituídos em ferro e eram apoiados em estruturas de mármore ou alvenaria.

O chafariz da Praça Coronel Pessôa foi inaugurado em 1925 “[...] a cavaleiro do aquário que, a atual administração fez construir no mesmo local”³. Porém, pouco se sabe sobre o referido aquário. Segundo relatos orais de moradores da região, “[...] o chafariz foi vendido no início da década de 60, pela municipalidade, a ‘peso, como ferro velho’” (SOUB, 2013, p. 182). Outro elemento aquático observado em fotografias antigas foi encontrado na Praça Ruy Barbosa, à semelhança de um lago com rochas localizado em um dos pontos centrais da praça e parte do repertório paisagístico da época inspirado nos jardins românticos.

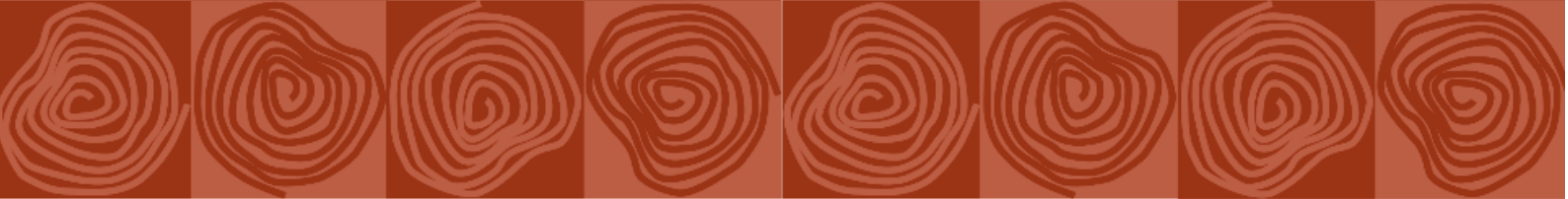
Figuras 11 a 14: Banco e cinzeiro da Praça JJ Seabra; banco e poste de iluminação da Praça Castro Alves; fonte e postes de iluminação da Praça Coronel Pessôa; fonte e bancos da Praça Ruy Barbosa



Fontes: Museu Tempostal; Memória Visual de Ilhéus. Disponível em: https://www.facebook.com/fotosdeilheus/?locale=pt_BR. Acesso em: 15 out. 2024; SOUB, 2013, p. 182; Museu Tempostal, respectivamente.

Outro equipamento bastante utilizado pela sociedade ilheense correspondeu aos coretos. Embora não se disponha de registros fotográficos da sua presença, há diversas menções em jornais apontando os eventos sociais que neles aconteciam, uma vez dispostos pelas praças da cidade. As ruas de Ilhéus também abrigavam eventos voltados para a sociabilidade da população, como denotam as manchetes da época: “Em bonito coreto levantado no centro daquela rua realizou-se a exposição de premios da kermesse, em beneficio dos festejos” (CORREIO DE ILHÉOS, 26/09/1921). Tais artefatos eram considerados “habilmente preparados”, pois “entre flammulas e festões, estavam os artisticos coretos, fazendo-se ahi ouvir, entre ruidosos aplausos duas

3 Disponível em: <https://ilheuscomamor.wordpress.com/2008/10/31/a-avenida-beira-mar/>. Acesso em: 28 jan. 2025.



maviosas philarmonicas que enchiam o ambiente de luz e poesia, de harpejos dulcificantes” (CORREIO DE ILHÉOS, 05/12/1921).

Na inauguração da Praça Castro Alves, há registros da presença de um coreto — cujo caráter, se fixo ou efêmero, não se conhece — então utilizado para apresentações musicais (ILHÉUSa, s/d). Segundo relatos orais, a inauguração constituiu um grande acontecimento para a cidade, marcado por festa, banda e recital de poemas, em um ambiente no qual as pessoas estavam “[...] vestidas para um acontecimento muito importante [...]” (ILHÉUSa, s/d).

Observa-se, contudo, a partir das fotografias históricas, que nas praças de Ilhéus não havia uma presença de coretos permanentes, ao menos durante o recorte temporal analisado. A ausência desse tipo de equipamento, tão comum às diversas formas de sociabilidade das praças ajardinadas — quase que servindo de sinônimo e referência tipológica para construções análogas mas de funções diferentes, tais quais abrigos, coberturas de fontes termais, gazebos, belvederes e pavilhões, conforme demonstrado por Silva (2016) — desperta certa curiosidade, permitindo supor que se tratava de estruturas temporárias, justificadas pelo fato de a população da época se concentrar especialmente no meio rural.

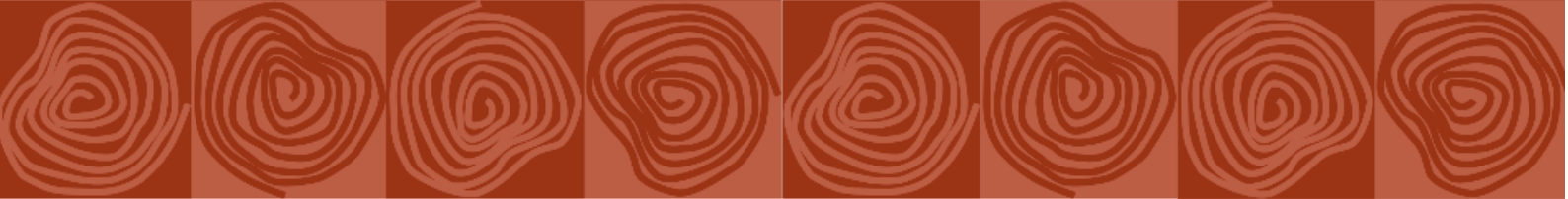
Andrade (2021, p. 44) coloca que, no recenseamento realizado ainda em 1920, a população municipal correspondia a 63.012 habitantes, dos quais “[...] 10.779 viviam na sede, enquanto 52.233 pessoas viviam nos distritos [...], ou seja, 17% e 83% respectivamente da população do município na época”. Em 1930, o município de Ilhéus contava com 80.024 habitantes, dos quais apenas 13.689 residiam na sede, evidenciando uma concentração majoritária da população nos distritos e nas roças de cacau — áreas que também acolhiam os imigrantes em busca de oportunidades. Considerando esse perfil demográfico predominantemente rural, compreende-se que a presença de coretos permanentes não se configuraria, ao menos hipoteticamente, como uma necessidade. Assim, para os eventos sociais, entende-se que a adoção de estruturas efêmeras poderia se mostrar mais adequada e eficiente para atender às demandas da população.

As praças ajardinadas e as edificações que a elas estavam relacionadas não só simbolizavam a prosperidade da economia cacaueteira, mas também reforçavam hierarquias sociais e *status* político. A pungência da produção edilícia e sua relação com os espaços públicos evidenciam a maneira como a arquitetura e o paisagismo foram utilizados como instrumentos de afirmação de poder dentro do tecido urbano. Compreender esse fenômeno é fundamental para interpretar a cidade em sua complexidade e contribuir para reflexões mais amplas sobre o papel da arquitetura e do paisagismo na conformação das relações sociais ao longo da história.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção paisagística de Ilhéus entre as décadas de 1890 e 1940 reflete não apenas as condições de seu contexto de construção, mas também a influência de correntes paisagísticas externas e já assimiladas no cultivo de jardins públicos no Brasil. Essas praças incorporavam elementos paisagísticos e equipamentos urbanos que favoreciam tanto o lazer quanto a interação social, desempenhando um papel fundamental na estruturação do tecido urbano, no embelezamento da cidade e na vida pública.

Do ponto de vista social, as praças e avenidas tornavam-se locais de convivência e locais das tradicionais caminhadas de *footing*, ocasião em que a população das classes média e alta se exibia e interagia. Eventos públicos como quermesses, festas, bailes,



passeatas e celebrações também se concentravam na região central, reforçando a ideia de que ali estava o centro político e cultural de Ilhéus. Alguns desses eventos comumente se iniciavam em determinada praça, percorriam avenidas ou ruas e finalizavam seu circuito em outra praça, onde geralmente as bandas musicais realizavam suas apresentações. A Praça Luiz Vianna e a Praça Ruy Barbosa representavam, respectivamente, pontos desse circuito.

Do ponto de vista paisagístico, as praças analisadas apresentavam características formais que revelavam influências francesas e inglesas em suas composições. A combinação entre a geometrização e a organicidade dos canteiros, o uso de espécies exóticas e a incorporação de mobiliário e equipamentos em ferro fundido evidenciam a assimilação das tendências europeias na concepção dos espaços públicos brasileiros. Elementos em ferro fundido eram frequentemente importados, refletindo as inovações tecnológicas da época, assim como o cimento armado, amplamente empregado, porém já produzido localmente dada a presença de mão-de-obra.

Em síntese, este estudo buscou esclarecer aspectos pouco explorados da produção paisagística de Ilhéus, se utilizando de fontes primárias e secundárias para reconstituir um período fundamental da configuração espacial da cidade. A análise dessas evidências permitiu identificar características que não haviam sido documentadas em pesquisas anteriores, revelando um panorama importante da produção do espaço e das dinâmicas sociais que nele se manifestaram.

Embora a cidade tenha sido imortalizada no imaginário coletivo pela literatura de Jorge Amado e por estratégias de propaganda da elite do cacau, a materialidade de seu legado arquitetônico e paisagístico carece de maior reconhecimento e proteção. Compreender as transformações que moldaram a paisagem urbana ao longo do tempo é essencial para embasar iniciativas que evitem a perda irreversível de seu patrimônio construído, apesar das mutilações já ocorridas.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) pela concessão da bolsa de mestrado em apoio à pesquisa da qual decorre este texto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Iuri Dantas da Silva. **A formação da Zona Suburbana da cidade de Ilhéus (1888-1933)**. Dissertação (Mestrado em História), UFOP, Mariana, 2021.

DIAS, Marcelo Henrique. **A capitania de São Jorge dos Ilhéus: economia e administração**. In: DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Angelo Alves (Org.). Um lugar na história: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau. Ilhéus: Editus, 2007. p. 47-116.

FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

GOES, Melissa Bastos. **A Ilhéus do cacau: produção edilícia e paisagística entre as décadas de 1890 e 1940**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), UFBA, 2025.

MARINS, Paulo César Garcez; SCHPUN, Mônica Raisa. Introdução - **Para além dos trópicos e dos consensos: atores, práticas e questões na história dos parques e**

jardins no Brasil. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 25, p. 9-18, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaism/a/7fSzmMgLGjYKNDyYRhpMKKh/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

OLIVEIRA, Ruana Alencar. **Morfologia urbana e dimensão material e social da vila e cidade de Ilhéus no século XIX**. Dissertação (Mestrado em História), UFOP, Mariana, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/items/b5aade10-c6e4-431a-a6dc-acac0c720dfa/full>. Acesso em: 14 mai. 2024.

RIBEIRO, André Luiz Rosa. **Memória e identidade: reformas urbanas e arquitetura cemiterial na Região Cacaueira (1880-1950)**. Ilhéus: Editus, 2005. RIBEIRO, André Luiz Rosa. In memoriam: urbanismo, literatura e morte. Ilhéus: Editus, 2017.

SILVA, Aline de Figueirôa. **Entre a implantação e a aclimação: o cultivo de jardins públicos no Brasil nos séculos XIX e XX**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), USP, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-19122016-181322/publico/alinefigueiroa.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

SOUB, José Nazal. **Minha Ilhéus: fotografias do século XX e um pouco de nossa história**. 3. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2013.

JORNAIS

Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC)

CORREIO DE ILHÉOS, A Festa do Barroso, 26/9/1921.

CORREIO DE ILHÉOS, Gestão patriótica, 26/9/1921.

CORREIO DE ILHÉOS, Festas em homenagem ao insigne D. Pedro II, 5/12/1921.

DIÁRIO DA TARDE, Coisas do Urbanismo, 7/4/1931.

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB)

CORREIO DE ILHÉOS, O 'footing' na Avenida Alvares Cabral, 12/4/1927.

CORREIO DE ILHÉOS, O footing na Avenida Alvares Cabral, 19/4/1927.

CORREIO DE ILHÉOS, O animado "footing" na Avenida Alvares Cabral, 22/3/1927.

ÁLBUNS, MAPA E ICONOGRAFIA (2023, 2024 e 2025)

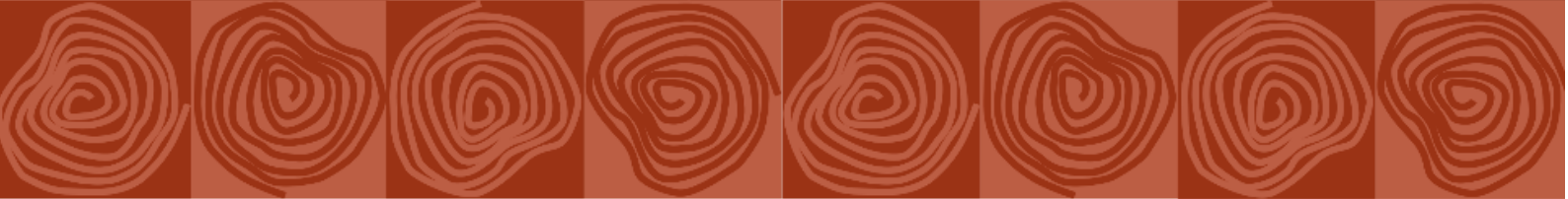
Acervo de fotos e mapas físicos. Acervo Fotográfico do Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC) da Universidade Estadual de Santa Cruz (2023).

Acervo Fotográfico e Cartográfico do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) (2023).

Acervo Fotográfico do Museu Suíço dos Transportes. Fotografias apresentadas pelo historiador Michael Schmitz ao Cedoc (2025).

Acervo de Postais do Museu Tempostal (2024).

FOLGUEIRA, Manuel Rodriguez: Album artistico, commercial e industrial do estado da Bahia dedicado ao governo do Exmo. Sr. Dr. Vital Henriques Baptista Soares, organizado e editado por Manuel Rodriguez Folgueira. s.l: Autor, 1930. 512 p.; il.; fotos: 24 x 33 cm.



SITES

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ilheus>.

https://www.facebook.com/fotosdeilheus/?locale=pt_BR. Acesso em: 15 out. 2024.

<https://ilheuscomamor.wordpress.com/2008/10/31/a-avenida-beira-mar/>. Acesso em: 28 jan. 2025.